

Medalhas para mulheres negras nas Olimpíadas: O lugar de se ver possível que transcende o esporte

A campeã olímpica Rebeca Andrade iniciou a carreira após ser descoberta em um projeto social em Guarulhos, cidade paulista onde nasceu. A judoca Bia Souza, também medalhista nas Olimpíadas, é sargento do Exército e se dedica à paixão pelo esporte paralelamente ao trabalho. As histórias de mulheres inspiradoras - mulheres de ouro - viralizaram durante as Olimpíadas de Paris 2024, na qual o Brasil conquistou 20 medalhas, sendo 12 por mulheres e, muitas delas, negras.

Apesar disso, não é preciso observar muito para notar uma realidade ainda desafiadora para o país - a insuficiência de investimento no potencial de crianças, adolescentes e jovens atletas de famílias de baixa renda. A estruturação do esporte é fundamental e deve acontecer de forma correlata à educação. Muitos projetos no mundo, tanto em termos de políticas públicas, como do investimento social privado, aliam educação e esporte. A iniciativa teria grande potencial e impacto no Brasil, porém, ainda que haja avanços recentes na política de apoio a atletas, falta um projeto mais amplo e ambicioso.

É preciso pavimentar o caminho. Esse caminho precisa promover o esporte e a educação antirracista. O lugar do esporte é um lugar de interação e aprendizado mútuo, quebrando preconceitos por meio da própria vivência. Quando eu digo sobre passar do letramento antirracista para a fluência e da fluência para a vivência, penso que temos no esporte uma possibilidade concreta de fazer isso acontecer. As Olimpíadas são inspiradoras para essas oportunidades.

Nas periferias, o futebol prevalece cada vez menos. Se antes era preciso somente um campinho aberto, uma bola de meia ou de

observamos crescente elitização. O futebol começa a acontecer na grama sintética e vai se retirando das associações esportivas de bairro.

O mesmo acontece com muitos outros esportes, quando não há política estruturada para a promoção da prática, que contribui com a quebra de preconceitos de forma orgânica.

A Bolsa Atleta ocupa um lugar importante relacionado à questão financeira em certa medida. Muitos atletas falaram sobre isso, mas ainda assim é preciso ampliar a política e conectá-la de forma estrutural com a educação. Vários países, como os Estados Unidos, têm a escola como locus de investimento no esporte. O resultado é proporcionalmente bom. É esse tipo de estrutura que precisa ser ampliada e complementar a ideia de Bolsa Atleta. Evidentemente, é preciso orçamento para que isso aconteça, porém observamos gastos públicos maiores em projetos menos benéficos para a população.

Considerando o alto número de medalhas conquistadas por mulheres, sendo muitas delas mulheres negras, é fundamental reafirmar o lugar do “se ver possível”. Essa é a marca - o lugar do espelho, a partir de figuras de referência. Durante os jogos, vimos Rebeca Andrade ser ovacionada e admirada por uma figura como Simone Biles e outras atletas. Vimos Viola Davis exaltar a atleta brasileira pelo ouro no solo da ginástica. Tais cenas dizem para as meninas negras que é possível encontrar sucesso em suas escolhas - não somente no esporte, mas em muitas escolhas na vida. Esse é o

capotão para que as crianças se envolvessem em torno do esporte, hoje até isso está mais restrito diante da especulação imobiliária que concorre com os chamados campos de várzea e espaços que poderiam ser destinados à prática esportiva. Com isso, até mesmo no futebol

lugar de se ver possível que transcende o esporte.

Daniel Bento Teixeira

Diretor-Executivo do CEERT

Artigo publicado no Porvir

Justiça Racial



Pacto da branquitude: Em seu livro, a psicóloga e conselheira do CEERT Cida Bento explica como as relações de raça no Brasil são pautadas de maneira a definir os grupos sociais e como isso atravessa a cultura mesmo que de maneira inconsciente.

Justiça Racial



Chamada Pública de Artigos Justiça

Racial: As inscrições foram prorrogadas até o dia 15 de setembro. Serão selecionados 10 artigos sobre a judicialização antirracista, demonstrando atuações no âmbito do Poder Judiciário na luta contra o racismo.

Educação Antirracista



Curso Gestão da Educação para Equidade

Racial: Saiba como foi a aula inaugural do programa que visa fortalecer os sistemas e redes de ensino na promoção de práticas pedagógicas e de gestão pela equidade racial.

ESG-Equidade no Trabalho



Terceiro Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos do ALARI 2024:

Representantes do CEERT participaram do evento em debates sobre equidade racial no mercado de trabalho, ativismo intelectual de mulheres negras e educação antirracista.

O que pensa o CEERT?

Mulheres negras medalhistas

Ginastas são exemplo de que negras podem e devem ocupar outros lugares no imaginário do país

Cida Bento



Olimpíadas: Em coluna publicada na Folha de S. Paulo, Cida Bento prestigia as mulheres negras medalhistas. Para a conselheira do CEERT, as ginastas são exemplo de que negras podem e devem ocupar outros lugares no imaginário do país.

JUNTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE ANTIRRACISTA
DOE E FAÇA PARTE DESSA TRANSFORMAÇÃO

Quem faz o CEERT



Graduanda do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, Samara Rezende de Lima Inacio estagia há aproximadamente 3 meses na área de Mobilização de Recursos do CEERT. Anteriormente, atuava na Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social - SMADS.

“Trabalhar no CEERT está sendo uma caminhada de aprendizado muito importante para minha vida profissional, um dos maiores aprendizados tem sido poder ver a luta tanto pela equidade racial e gênero de perto por meio de projetos e ações me trazem boas expectativas para o futuro. O que eu mais gosto é poder estar em um lugar em que o sentimento de pertencimento é presente, tem sido uma experiência única.” disse Samara.

